



Agronegócio acumula alta de 1,09% no primeiro bimestre do ano

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), cresceu novamente em fevereiro (0,6%), acumulando alta de 1,09% no primeiro bimestre do ano (frente ao mesmo período de 2015) – (Figura 1). Tanto no mês quanto no acumulado de dois meses, o resultado positivo

foi motivado pelo desempenho do ramo agrícola, que teve altas de 0,9% em fevereiro e 1,62% no bimestre. Já o ramo pecuário recuou 0,03% no mês, acumulando baixa de 0,06% no ano¹.

No segmento agrícola, o movimento foi de alta para todos os segmentos, tanto no mês quanto no acumulado do ano. No bimestre, o segmento primário cresceu 2,1%. Para os demais segmentos, as ele-

vações acumuladas foram de 1,09% para insumos, 1,45% para indústria e de 1,63% para serviços (Tabela 1).

Já no ramo pecuário, a retração bimestral decorreu de quedas em quase todos os segmentos; a exceção foi insumos, que cresceu 0,09%. Para o segmento primário do ramo, a baixa foi de 0,05%; a indústria teve perda de 0,16% e o setor de serviços recuou 0,11% (Tabela 1).

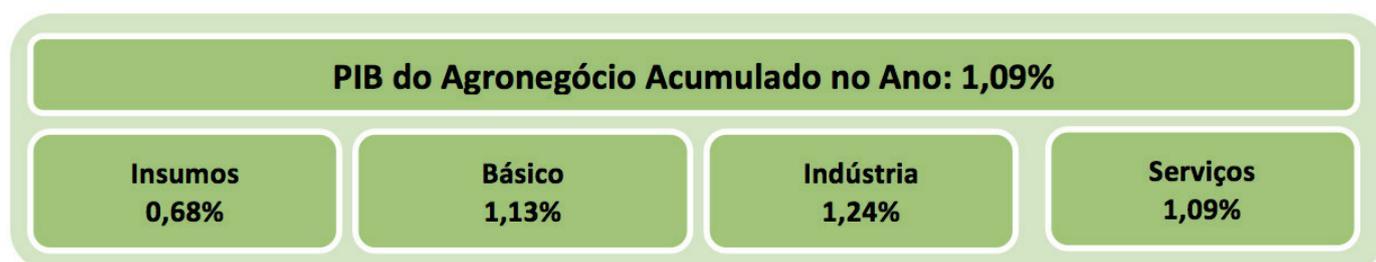


Figura 1 – Taxa de crescimento do PIB do agronegócio: primeiro bimestre/2016 em relação a primeiro bimestre/2015 | Fonte: Cepea/USP e CNA

Insumos mantêm desempenho modesto frente aos demais segmentos do agronegócio

O segmento de insumos agropecuários cresceu 0,3% em fevereiro, acumulando alta de 0,68% no bimestre. Apesar da expansão, essa variação foi a mais modesta entre os elos da cadeia produtiva. De modo geral, o setor foi pressionado por reduções em volume, mas os preços em alta influenciaram positivamente os resultados. Em parte, esta dinâmica continua sendo puxada pelo alto valor do dólar em relação ao Real, que tem impacto significativo sobre os setores dependentes de importações.

Entre as indústrias acompanhadas, para a

de fertilizantes, estima-se redução anual de 6,86% no faturamento, sendo a produção 8,58% menor no ano e os preços 1,88% mais elevados (na comparação entre bimestres). Apesar da alta na comparação com o primeiro bimestre de 2015, os preços dos fertilizantes recuaram ao longo de 2016. Segundo a equipe Custos Agrícolas/Cepea, a redução foi causada pelo menor volume de fertilizantes adquiridos, dificuldades para o produtor obter crédito, quedas no preço do insumo no mercado internacional e reduções do preço do petróleo, que atingem principalmente as cotações da ureia (Figura 2).

Quanto à indústria de rações, estima-se elevação de 4,65% no faturamento anual de 2016, resultado de produção e preços em alta: 1,1% e 3,51%, respectivamente. Segundo agentes do mercado, os elevados preços da ração têm pesado sobre os custos de produção, principalmente da atividade suinícola, que enfrenta reduções de preço da carne e do animal para o abate.

Para a indústria de combustíveis e lubrificantes, estima-se recuo anual de 13,5%, diante de preços 8,85% menores e queda de 5,1% na produção (Figura 2).

¹ Os resultados deste mês não contemplam dados de volume de produção de alguns setores do ramo pecuário. Dados de quantidade para as atividades do segmento primário da pecuária (bovinos, frango, ovos, suínos e leite) não foram disponibilizados até o fechamento deste relatório. Portanto, para essas atividades, foram consideradas apenas as variações de preços. Em relatórios futuros, serão incluídos no cálculo também os números mais recentes de volume.

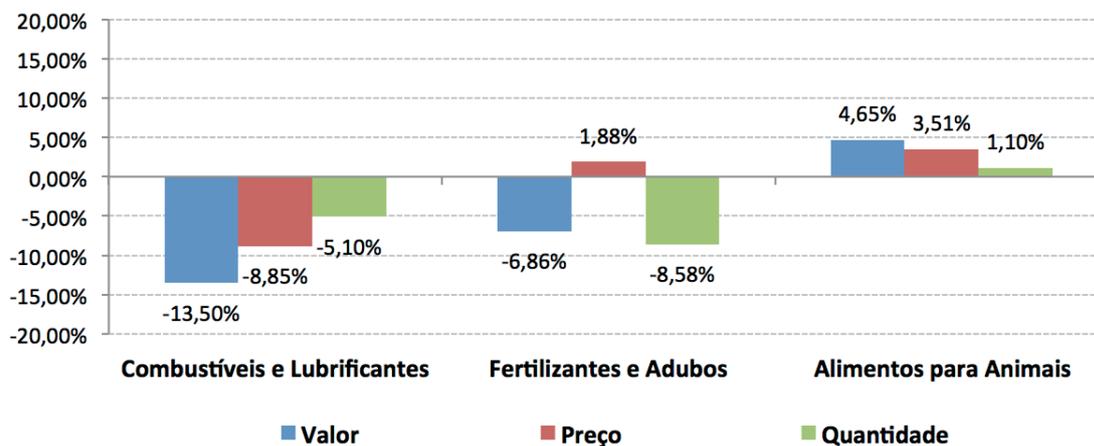


Figura 2 – Insumos: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (primeiro bimestre/2016 em relação ao primeiro bimestre/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindicatos).

Agricultura é destaque na produção primária

O segmento primário do agronegócio iniciou o ano em alta, acumulando elevação de 1,13% no primeiro bimestre (Figura 1). O destaque ficou com a agricultura que, com preços em alta, cresceu 2,1% na comparação entre janeiro e fevereiro de 2016 com o mesmo período de 2015 (Tabela 1).

Em termos agregados, o resultado para a agricultura “dentro da porteira” derivou de forte alta das cotações médias (de 12,56%, em termos reais, na comparação entre bimestres) e de crescimento, ainda que mais modesto, da produção estimada para o ano (0,76%, na média).

O comportamento das culturas acompanhadas – que toma como base as estimativas de safra anual e a relação entre os preços no período corrente e no mesmo período de 2015 – é apresentado na Figura 3. Com base nas informações publicadas até o fechamento deste relatório, esperase crescimento no faturamento anual das seguintes lavouras: algodão (26,26%), banana (12,48%), cacau (21,5%), café (10,86%), cana (7,12%), feijão (7,29%), laranja (13,03%), mandioca (11,59%), milho (36,63%), soja (16,88%), tomate (25,92%) e trigo (17,01%).

No caso do algodão, o bom resultado reflete os maiores preços para o produto em 2016: elevação de 33,27% em relação ao primeiro bimestre de 2015. Segundo pesquisadores da equipe Algodão/Cepea, em fevereiro, produtores estiveram firmes nos preços pedidos ou mesmo fora de mercado, mas compradores respondiam também com postura firme, tentando baixar os pre-

ços. Já para a produção de pluma, esperase redução de 5,26% no ano. Segundo dados da Conab, a baixa decorreria da menor produtividade esperada e da menor área plantada. A queda da produção atrela-se principalmente ao desempenho da região Nordeste, essencialmente da Bahia, onde área e produtividade devem sofrer recuos expressivos no ano.

Para o café, o crescimento esperado do faturamento reflete a previsão de elevação em 16,88% da produção anual, já que os preços recuaram 5,15% (na comparação entre o 1º bimestre de 2016 e o de 2015). Segundo a Conab, a elevação esperada da produção decorre de aumentos de área, das condições climáticas mais favoráveis e do fato de que 2016 é ano de alta biennialidade para o café arábica – representa 76,8% da produção total de café. No que diz respeito aos preços, segundo a equipe Café/Cepea, a retração em fevereiro atrelou-se à oscilação cambial e à aproximação da nova safra.

No caso da cana-de-açúcar, houve significativa melhora de cenário em relação ao anterior, que estimava redução no faturamento anual para o produto. Segundo a Conab, a produção deve aumentar 3,82% na safra 2016/2017, alcançando 691 mil toneladas. O avanço reflete principalmente incrementos de área, com destaque para São Paulo, principal produtor. Nesse estado, dois fatores contribuíram para o aumento esperado da produção: excelentes condições climáticas nos últimos meses, que auxiliam no desenvolvimento da lavoura, e excesso de chuvas na safra anterior, que dificultou a colheita, gerando a

previsão de aumento de cana bisada a ser colhida na presente safra. Para os preços, houve elevação real de 3,18% na comparação entre bimestres.

Para a laranja, o aumento esperado no faturamento decorre de maiores preços (16,22%), diante de uma expectativa de redução da produção no ano (-2,74%). Segundo a equipe Hortifrut/Cepea, os baixos estoques de suco nas indústrias paulistas têm ajudado a manter firmes os valores pagos aos produtores, o que pode se manter na temporada 2016/2017. Mas vale frisar que os resultados para os citricultores também dependem dos preços do suco no mercado internacional e dos movimentos do dólar.

Quanto ao milho, o maior faturamento esperado também se justifica pela elevação dos preços (36,65%), visto que a produção deve se manter estável (-0,01%). Conforme a equipe Grãos/Cepea, em fevereiro os preços do milho no mercado doméstico não encontraram resistência e seguiram em alta em todas as regiões acompanhadas, principalmente em áreas deficitárias – como as paulistas –, onde a disputa pelo grão foi acirrada. Com a expressiva valorização do grão e consequente dificuldade enfrentada pelos compradores, o governo realizou leilões de venda, buscando atender principalmente criadores de suínos e aves.

Para a cultura da soja, a expectativa de elevação do faturamento ocorre via maiores preços (13,63%) e produção (2,86%). Segundo a Conab, o crescimento do volume reflete a maior área, diante de ligeira que-

da esperada para a produtividade. Quanto aos preços, o patamar continuou elevado, mas houve recuo em fevereiro. Segundo pesquisadores da equipe Grãos/Cepea, a baixa foi consequência do avanço da colheita e, então, da maior disponibilidade do grão no mercado interno.

Os produtos para os quais se espera redução no faturamento anual, consideradas informações até o fechamento deste relatório, são: arroz (-11,3%), batata (-11,04%),

cebola (-1,08%), fumo (-27,43%) e uva (-25,41%) (Figura 3).

O menor faturamento do arroz é resultado, principalmente, da queda na produção, estimada em -10,2%, mas os preços do grão também estão em patamar 1,22% inferior ao do início de 2015. No que tange ao volume produzido, segundo a Conab, a queda se dá em função da menor área plantada. Em relação às condições do mercado, segundo a equipe Arroz/Cepea, em

fevereiro, poucas beneficiadoras demonstraram interesse por novas aquisições para pronta entrega, optando por aguardar a intensificação da colheita em março.

Na Figura 3, são apresentadas as variações de volume estimadas para o ano, de preços reais (na comparação entre períodos) e de faturamento real das atividades primárias da agricultura.

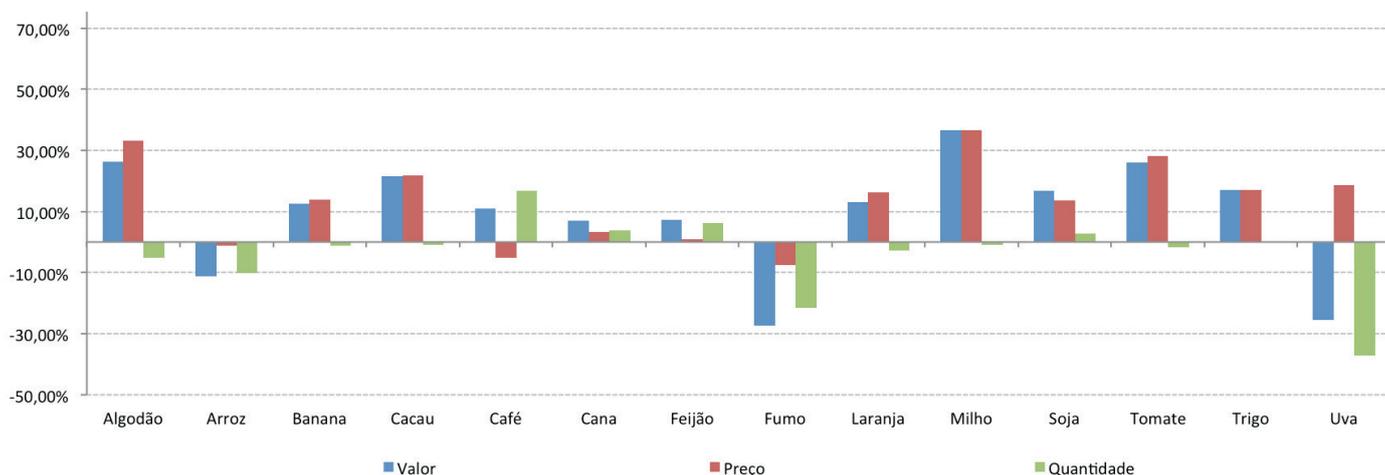


Figura 3 – Agricultura: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (primeiro bimestre/2016 em comparação ao primeiro bimestre/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

Itens	Algodão	Arroz	Banana	Cacau	Café	Cana	Feijão	Fumo	Laranja	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva
Valor	26,26	-11,30	12,48	21,50	10,86	7,12	7,29	-27,43	13,03	11,59	36,63	16,88	25,92	17,01	-25,41
Preço	33,27	-1,22	13,94	21,91	-5,15	3,18	1,00	-7,52	16,22	11,82	36,65	13,63	28,01	17,01	18,65
Quantidade	-5,26	-10,20	-1,28	-0,34	16,88	3,82	6,23	-21,53	-2,74	-0,20	-0,01	2,86	-1,64	0,00	-37,14

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

No que diz respeito ao segmento primário da pecuária, com o recuo de 0,1% em fevereiro, a redução foi de 0,05% no bimestre. Nesse segmento, o preço médio ponderado recuou 0,33% na comparação entre períodos. Até o fechamento deste relatório, não haviam sido divulgados dados sobre produção, e o resultado, como dito, reflete a variação apenas dos preços.

Para a bovinocultura de corte, os preços registraram queda de 5,21% na comparação entre o primeiro bimestre de 2016 e o mesmo período de 2015. Segundo a equipe Boi/Cepea, os impactos da forte estiagem no Centro-Sul do Brasil em 2013 e 2014, que resultaram em expressiva elevação de preços, devem cessar em 2016, com os índices zootécnicos do setor voltando ao normal e favorecendo alguma recuperação da oferta de animais. Apesar da queda dos preços na comparação entre períodos, especificamente em fevereiro houve elevação. Segundo a equipe,

o câmbio favoreceu a competitividade da carne brasileira, propiciando uma boa demanda de importadores, o que tornou a oferta doméstica de carne bovina ainda mais enxuta e motivou reajustes da arroba.

Na avicultura de corte, o cenário também foi de alta de preços: taxa de 5,58% na comparação entre bimestres. Em fevereiro, ainda que a média mensal tenha ficado abaixo da registrada em janeiro, houve elevações sucessivas ao longo do mês, favorecidas pelo enxugamento da oferta interna, diante do bom desempenho das exportações, e da menor oferta de aves para abate, conforme a equipe Frango/Cepea. Diante de tal cenário, empresas integradoras e granjeiros forçaram a elevação das cotações, visando repassar parte do aumento dos custos de produção.

Na avicultura de postura, os preços em 2016 encontram-se em patamar 12,54%

superior ao registrado no 1º bimestre de 2015, já descontada a inflação. Segundo pesquisadores da equipe Ovos/Cepea, a forte elevação das cotações em fevereiro refletiu os descartes de galinhas ocorridos em janeiro, e a consequente redução da oferta, bem como o aquecimento típico da demanda no período de volta às aulas e o fato de que os avicultores têm buscado repassar a elevação dos custos de produção decorrente do encarecimento do farelo de soja e do milho.

Já na suinocultura, houve forte baixa dos preços na comparação entre bimestres (2016 e 2015), de 17,89%. Segundo a equipe Suínos/Cepea, o recuo dos preços domésticos em 2016 tem sido influenciado pela ampla oferta e pela demanda enfraquecida.

Na atividade leiteira, os preços subiram 4,26% na comparação entre bimestres. Segundo dados do Cepea, a captação re-

gistra queda desde dezembro, contrariando expectativas sazonais e pressionando a oferta. Para a equipe Leite/Cepea, a queda na captação relaciona-se, entre outros fatores, às chuvas intensas seguidas de estiagem e temperaturas elevadas nos

estados da região Sul (o que atrapalhou a produção) e, também, à decisão de muitos produtores em adiantar a secagem das vacas, de forma a reduzir os custos, tendo em vista que a suplementação concentrada tem alcançado preços elevados.

Na Figura 4, estão as variações dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades da pecuária em 2016, no comparativo com 2015.

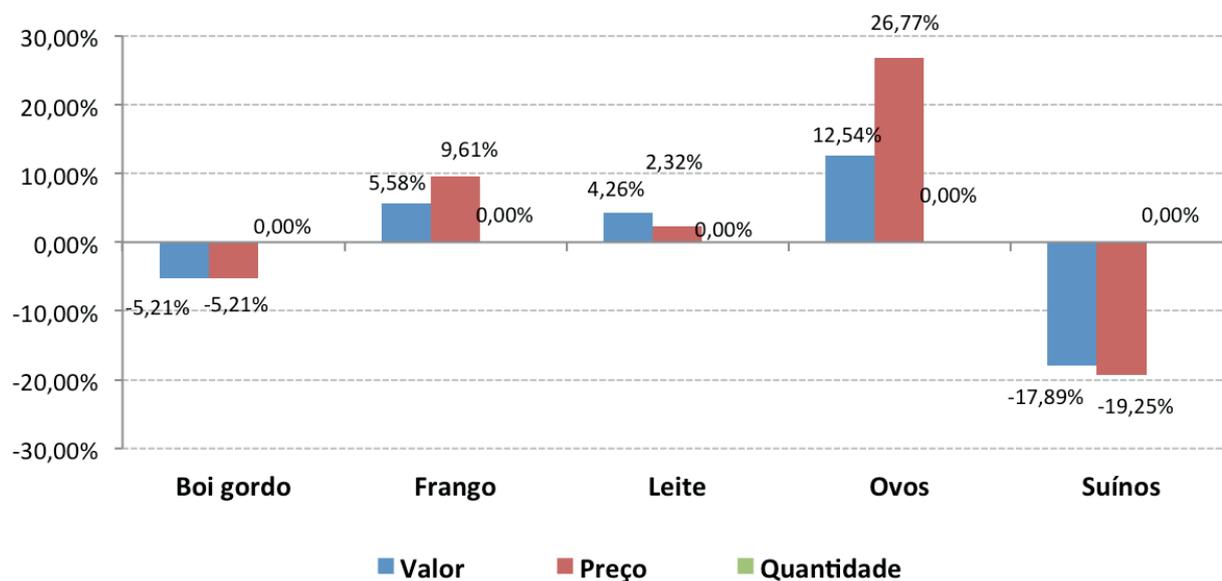


Figura 4 – Variação anual do volume, dos preços e do faturamento da pecuária (primeiro bimestre/2016 em comparação ao primeiro bimestre/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do Cepea e do IBGE).

Indústria vegetal segue em alta e processamento animal tem baixa no primeiro bimestre

A agroindústria nacional cresceu 0,82% em fevereiro, acumulando alta de 1,24% nos dois primeiros meses de 2016. (Figura 1). O resultado deriva de variações positivas para o processamento vegetal e de quedas para o processamento animal, tanto mensal quanto bimestral.

No caso da indústria agrícola, o resultado positivo no bimestre decorre da alta de preços –elevação real média de 9,7% –, tendo em vista que a produção se manteve praticamente estável (-0,02%). No primeiro bimestre do ano, tiveram ganho de faturamento os segmentos de celulose e papel (1,45%), etanol (elementos químicos) (3,37%), beneficiamento de produtos vegetais (2,9%), açúcar (6,09%), óleos vegetais (3,16%) e outros alimentos (0,08%) (Tabela 2).

Para a indústria de celulose e papel, a elevação de 7,09% dos preços foi o principal impulso ao faturamento, mas a produção também cresceu, 1,08%. As cotações dos

produtos dessa indústria foram influenciadas pela tendência consistente de desvalorização do Real frente ao dólar, observada principalmente a partir do segundo semestre de 2015 (Figura 5).

No mercado de etanol, produção estável e forte elevação das cotações levaram ao resultado obtido. Os preços seguiram a tendência de alta iniciada em 2015. No começo do ano, período que oficialmente seria de entressafra, as chuvas dificultaram a colheita, dando suporte aos reajustes pedidos por usinas. Com o aumento dos preços, no entanto, o biocombustível perdeu competitividade frente à gasolina, o que impactou negativamente no volume de etanol negociado em fevereiro.

Na indústria açucareira, o bom resultado refletiu o aumento de 27,33% dos preços e a expectativa de elevação em 12,01% da produção. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, o Real desvalorizado e a perspectiva de menor produção e estoques glo-

bais devem favorecer os preços internos da commodity em 2016. Ainda assim, especificamente em fevereiro, após cinco meses de alta, houve certo recuo das cotações. Para a equipe, este movimento atrelou-se à postura mais flexível de algumas usinas, com muitas destas ofertando açúcar a valores mais baixos para liquidar os estoques.

Para as demais indústrias de base agrícola, houve retração no período: madeira e mobiliário (-2,48%), têxtil (-2,69%), vestuário (-2,42%) e café (-0,05%) – Tabela 2. Com exceção da indústria do café, o desempenho negativo nessas indústrias relaciona-se a quedas estimadas para a produção, decorrentes do cenário macroeconômico conturbado.

Na Figura 5, são apresentadas as variações de volume, preços reais e de faturamento das principais agroindústrias em 2016, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

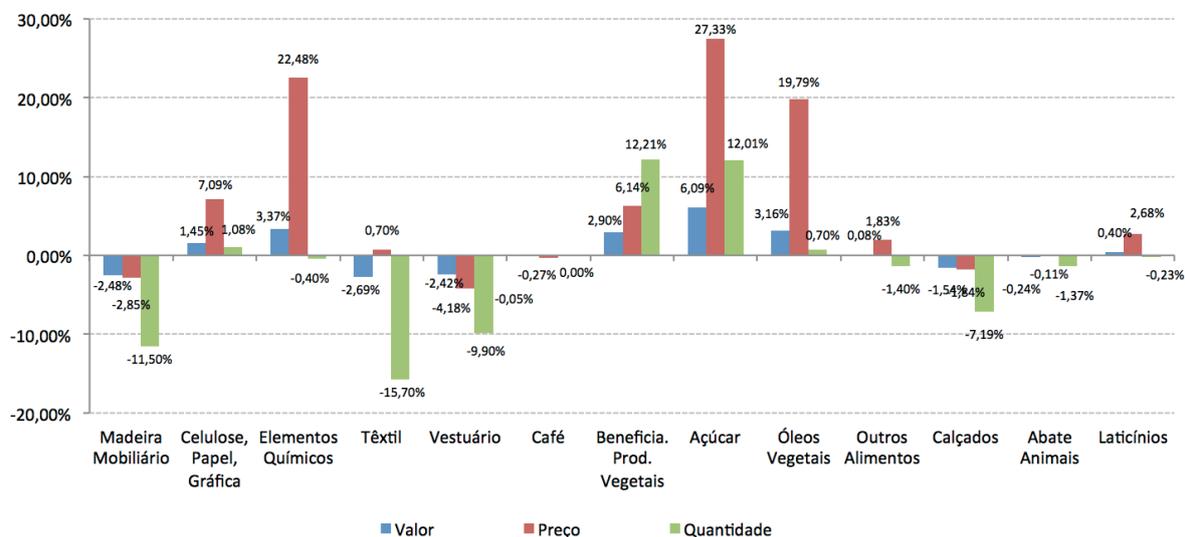


Figura 5 – Agroindústrias: variação anual do volume, preços e faturamento das agroindústrias (primeiro bimestre/2016 em relação ao primeiro bimestre/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

No caso do segmento industrial da pecuária, apenas a indústria de laticínios cresceu no bimestre (0,4%). As indústrias de abate e de calçados apresentaram quedas de 0,24% e de 1,54%, respectivamente (Tabela 2).

No caso dos lácteos, espera-se redução de 0,23% na produção em 2016, mas os preços em patamar 2,68% superior impulsionaram o faturamento. Segundo a equipe Leite/Cepea, a elevação das cotações em fevereiro refletiu a combinação

entre menor oferta de matéria-prima e estabilidade na demanda pelos derivados. Apesar de o período ser considerado de safra, agentes do mercado indicaram que a produção de leite foi limitada diante do clima desfavorável (Figura 5).

Já para a indústria de abate, o cenário externo tem se mostrado favorável, com dólar elevado e expansão para novos mercados, como a China, o que poderá compensar perdas relacionadas a uma possível redução do consumo interno. Na

quantidade produzida no ano, espera-se queda de 1,37%, e os preços seguiram com pequena queda de 0,11% na comparação entre bimestres. Entre as carnes, a pressão sobre as cotações veio da suína, tendo sido observada elevação para a carne de frango e certa estabilidade real para a bovina.

Para a indústria de couro e calçados, houve baixa de 7,19% na produção e de 1,84% nos preços, na comparação entre bimestres.

Serviços em alta no primeiro bimestre de 2016

O segmento de serviços do agronegócio, que compreende todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários e agroindustriais, apresentou crescimento de 0,69% em fevereiro, acumulando alta de 1,09% no ano. (Figura 1). Tanto no mês quanto no bimestre, o segmento foi impulsionado pelo ramo agrícola. Em fevereiro, o PIB dos serviços voltados à agricultura cresceu 1,01%, e no bimestre, 1,63%. Já no ramo pecuário, houve queda de 0,03% no mês e de 0,11% no bimestre.

Conclusões

O ano de 2016 tem sido marcado pela crise política e macroeconômica, com reflexos no PIB, que deve recuar 3,88% no ano², no Real, que atingiu desvalorização de quase 50%³ na comparação entre os primeiros bimestres de 2016 e 2015, na inflação, com o IPCA acumulando alta de 10,36% nos últimos 12 meses finalizados em fevereiro, e na taxa de desocupação, que esteve na ordem de 9,5% no trimestre encerrado em janeiro.

Combinados, esses fatores vêm deteriorando o poder de compra do consumidor, com reflexos negativos nas expectativas dos agentes econômicos e, por conseguinte, nos investimentos. Os impactos chegam também às cadeias do agronegócio que, em geral, reduziram a produção no bimestre (em relação ao primeiro bimestre de 2015), principalmente aqueles setores mais vinculados ao mercado interno.

Mesmo diante do contexto desfavorável, o PIB do agronegócio brasileiro acumulou alta no primeiro bimestre do ano, de 1,09%. Entre os segmentos, o destaque ficou com o agrícola, que cresceu 1,62%, frente à baixa de 0,06% para a pecuária. Pela ótica dos segmentos do agronegócio, todos apresentaram crescimento no bimestre, impulsionados pelo ramo agrícola. O destaque foi para o segmento primário. De modo geral, o movimen-

² Relatório Focus de 22 de abril de 2016

³ Taxa de câmbio - R\$/US\$ - comercial - compra - média - R\$, fonte: IPEADATA.

to de alta do PIB no acumulado do ano atrelou-se a maiores preços, tendo sido observada retração de produção para quase todos os segmentos, com exceção do primário e da indústria, ambos agrícolas.

Para o segmento primário agrícola, destaque em crescimento no período, o bom resultado decorre de maiores preços e produção no ano, considerando-se a média das culturas acompanhadas. Altas expressivas para o milho e a soja, culturas com elevada representatividade em valor no segmento, favoreceram o desempenho observado. Já no segmento primário da pecuária, a ligeira baixa registrada derivou de retrações na bovi-

nocultura de corte (bastante representativa no segmento) e na suinocultura. Em contrapartida, elevações para a avicultura de corte e postura e para a produção leiteira ajudaram a amenizar a queda do segmento. Vale frisar que estas atividades, ainda que com faturamento em alta, têm enfrentado expressivo crescimento dos custos de produção.

A agroindústria nacional, também impulsionada por maiores preços, acumulou alta de 1,24% no bimestre, motivada pelo desempenho das atividades de processamento vegetal. No caso da indústria de base agrícola, destacaram-se celulose e papel, etanol, beneficiamento de produtos vegetais, açúcar e óleos

vegetais. Em contrapartida, com forte recuo da produção, as indústrias de madeira e mobiliário e têxtil registraram o desempenho mais desfavorável no período. Já no segmento industrial da pecuária, apenas a indústria de laticínios cresceu no bimestre, com as indústrias de abate e de calçados apresentando retração. Para os lácteos, a limitação da produção da matéria-prima em um contexto de estabilidade da demanda pelos derivados resultou em maiores preços. Na indústria de abate, pesou contra o faturamento a baixa dos preços da carne suína, mas o cenário externo favorável, com dólar elevado e expansão para novos mercados, favoreceu as exportações de carne e os resultados. 🌿

Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Fevereiro	0,25	0,01	-0,12	-0,06	-0,02
Março	-0,09	-0,09	-0,02	0,07	-0,02
Abril	-0,18	-0,28	-0,10	-0,09	-0,16
Maio	-0,12	-0,22	-0,04	-0,09	-0,12
Junho	-0,04	-0,31	-0,11	-0,09	-0,16
Julho	0,59	0,16	-0,19	-0,02	0,06
Agosto	0,27	0,22	-0,23	-0,09	0,01
Setembro	0,26	0,25	-0,40	-0,18	-0,06
Outubro	0,02	0,07	0,27	-0,02	0,09
Novembro	0,43	0,37	0,72	0,55	0,53
Dezembro	0,36	0,56	0,08	0,12	0,27
Janeiro	0,38	0,69	0,41	0,40	0,49
Fevereiro	0,30	0,44	0,82	0,69	0,60
Acum. no Período (2016)	0,68	1,13	1,24	1,09	1,09

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	AGRICULTURA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Fevereiro	0,29	-0,18	-0,12	-0,14	-0,10
Março	-0,39	-0,63	0,02	0,02	-0,17
Abril	-0,33	-0,54	-0,10	-0,14	-0,24
Maio	-0,15	-0,38	0,05	-0,02	-0,09
Junho	0,19	0,00	-0,13	0,01	-0,02
Julho	0,48	0,39	-0,19	0,04	0,08
Agosto	0,47	0,43	-0,28	-0,17	0,00
Setembro	0,60	0,80	-0,43	-0,13	0,06
Outubro	0,53	0,68	0,32	0,15	0,37
Novembro	0,87	1,00	0,83	0,88	0,89
Dezembro	0,69	1,12	0,09	0,17	0,42
Janeiro	0,62	1,22	0,51	0,62	0,72
Fevereiro	0,47	0,87	0,94	1,01	0,90
Acum. no Período (2016)	1,09	2,10	1,45	1,63	1,62

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	PECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Fevereiro	0,20	0,23	-0,11	0,12	0,15
Março	0,32	0,53	-0,30	0,17	0,29
Abril	0,02	0,02	-0,11	0,02	0,01
Maio	-0,08	-0,03	-0,61	-0,23	-0,16
Junho	-0,34	-0,67	-0,02	-0,32	-0,44
Julho	0,73	-0,10	-0,21	-0,16	0,00
Agosto	0,00	-0,03	0,10	0,08	0,02
Setembro	-0,22	-0,40	-0,24	-0,28	-0,32
Outubro	-0,69	-0,66	-0,11	-0,38	-0,51
Novembro	-0,20	-0,39	0,02	-0,17	-0,24
Dezembro	-0,10	-0,12	0,05	0,00	-0,06
Janeiro	0,03	0,05	-0,21	-0,08	-0,03
Fevereiro	0,06	-0,10	0,05	-0,03	-0,03
Acum. no Período (2016)	0,09	-0,05	-0,16	-0,11	-0,06

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços. | Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 2 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2016

2016/2015	INDÚSTRIA					
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Fevereiro	-0,67	0,25	-0,05	-0,65	-0,80	0,41
Março	-0,19	0,40	-1,17	-0,51	-0,67	0,22
Abril	0,01	0,47	-0,77	-0,33	-0,76	1,50
Maio	-0,12	0,58	-0,22	-0,90	-0,98	0,29
Junho	0,06	0,73	-1,57	-0,60	0,00	0,17
Julho	-0,70	0,52	-0,90	-1,48	-1,19	-0,06
Agosto	-0,57	0,82	-0,26	-1,78	-0,80	0,00
Setembro	-1,63	0,78	-0,48	-2,59	-1,94	0,05
Outubro	-2,13	1,02	2,73	-2,50	-1,72	0,24
Novembro	-1,97	0,44	2,45	-2,33	-1,57	0,28
Dezembro	-2,35	0,73	2,03	-1,76	-2,55	0,31
Janeiro	-1,26	0,61	1,89	-1,32	-1,32	0,06
Fevereiro	-1,24	0,84	1,45	-1,39	-1,11	-0,11
Acum. no Período (2016)	-2,48	1,45	3,37	-2,69	-2,42	-0,05

2016/2015	INDÚSTRIA						
	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Fevereiro	-0,58	0,84	-0,42	0,02	0,26	0,36	-1,14
Março	2,22	1,64	-0,27	0,01	0,33	0,07	-1,19
Abril	-0,12	1,09	-0,07	-0,02	0,18	0,49	-1,39
Maio	0,66	0,43	1,13	-0,23	-0,27	0,08	-2,12
Junho	1,04	0,04	0,25	0,16	-0,30	0,34	-0,69
Julho	1,15	0,07	0,56	-0,29	-0,29	-0,26	-0,10
Agosto	-2,07	0,97	1,05	-0,03	-1,02	0,44	-0,30
Setembro	-1,69	1,08	1,92	-0,23	-1,64	0,11	-0,56
Outubro	-1,07	-5,66	2,25	-0,04	-1,68	-0,08	0,29
Novembro	2,01	0,75	0,99	0,38	-1,30	0,20	0,02
Dezembro	-2,01	1,39	1,07	-0,41	-1,77	0,31	0,02
Janeiro	-0,71	3,88	1,65	-0,07	-0,88	-0,25	0,05
Fevereiro	3,64	2,13	1,49	0,15	-0,67	0,00	0,36
Acum. no Período (2016)	2,90	6,09	3,16	0,08	-1,54	-0,24	0,40

Fonte: CEPEA-USP e CNA